

Divulgação



Tesouro

Divulgação



O Quarto ao Lado

Divulgação



Filhos do Mangue

Divulgação



Amarelo

Divulgação



MMA - Meu Melhor Amigo



TODO TEMPO QUE TEMOS (“*We Live In Time*”), de **John Crowley** (Reino Unido): Um ímã de lágrimas para fazer o Festival do Rio chorar oceanos, este drama de amor da escola David Lean (“Desencanto”) conta com um dos mais importantes diretores de teatro da Europa no leme. Crowley narra a luta de um casal apaixonadíssimo, a chef Almut (Florence Pugh, sublime) e o engenheiro de TI Tobias (Andrew Garfield), depois que ela é diagnosticada com um câncer.

UMA BELA VIDA (“*Le Dernier Souffle*”), de **Costa-Gavras** (França): Aos 91 anos, o artesão maior do thriller político (vide “Z”) assinou o momento mais lírico da corrida aos troféus principais do evento com a saga de um médico (Kad Merad) e um escritor (Denis Podalydés) que colhem relatos de doentes terminais às vésperas de partir. Charlotte Rampling vive uma das pessoas que se encontram a caminho de desencarnar, momento que o artesão franco-grego chama de “futuro”.

FILHOS DO MANGUE, de **Eliane Caffé** (Brasil): Kikito de Melhor Direção em Gramado, este drama foi rodado no Rio Grande do Norte, com roteiro do eterno colaborador de Eliane, o dramaturgo Luís Alberto de Abreu, autor de “Lima Barreto ao Terceiro Dia”, que proseia com a literatura de Sérgio Prado, no romance “O Capitão”. Na trama, Pedro Chão (Felipe Camargo, em vigorosa atuação) é um homem de mau caráter, individualista e desregrado, que aparece ferido e sem memória em sua comunidade ribeirinha. O povo o acusa de roubo e tenta, em vão, que ele recupere a memória e devolva o dinheiro.

O SOLDADO SEM RASTROS (“*The Vanishing Soldier*”), de **Dani Rosenberg** (Israel): Um dos achados de Locarno em 2023 chega ao Brasil só agora. Sua narrativa mostra as consequências de uma traquinagem de fim de adolescência (mas muito perigosa) praticada pelo jovem Schlomi: em meio a um ataque à sua unidade militar, ele foge. Cheio de planos para o futuro, o rapaz presta serviço no Exército para apoiar sua pátria. Contudo, a chance de sumir oferece a ele uma oportunidade de deixar a violência para trás. O problema é que seus colegas de farda e seus oficiais acreditam que ele foi morto pelo inimigo ou foi capturado. Logo, o tal “recruta desaparecido” acaba por se tornar uma figura mítica num contexto onde crescer e lutar são verbos sinônimos.

INFESTAÇÃO (“*Vermines*”), de **Sébastien Vanicek** (França): Um thriller de terror na linha de “Aracnofobia”. Em seu enredo o jovem Kaleb, fascinado por animais exóticos, encontra uma aranha venenosa em um bazar e a leva para o seu apartamento no subúrbio de Paris. Quando o animal escapa e se reproduz, o prédio inteiro é transformado numa terrível armadilha de teias. Para evitar o contágio, a polícia isola o local com os moradores dentro e todos terão de lutar pela própria sobrevivência. A montagem é frenética.

MMA – MEU MELHOR AMIGO, de **José Alvarenga Jr.** (Brasil): Marco Mion rouba a cena em tudo o que faz, na fase de apogeu em que vive desde sua chegada ao “Caldeirão” da Globo. Brillhou até em comercial com Sylvester Stallone. Agora é a hora e a vez de ele virar astro de cinema, num Rocky Balboa nacional, sob a realização do diretor de “Os Normais”. Mion vive um lutador profissional que, às vésperas de abandonar os octógonos, descobre ser pai de um menino autista que precisa dele.

LE PROCÈS DU CHIEN, de **Laetitia Dosch** (França): O enredo mais hilário do Festival de Cannes deste ano, coroado com a Palm Dog. Uma advogada (vivida por Laetitia) precisa defender Cosmos, um cão acusado de morder três pessoas. Se ela perder, seu cliente canino vai padecer na Carrocinha.

TÓXICO (“*Akiplesa*”), de **Saule Bliuvaitė** (Lituânia): O ganhador do Leopardo de Ouro de Locarno deste ano gravita entre a perplexidade e a sororidade. Abandonada pela mãe, Maria, de 13 anos, é obrigada a viver com a avó numa cidade industrial deprimente. Durante um confronto violento na rua, ela conhece a aspirante a modelo Kristina. Buscando se aproximar dela, Maria se inscreve numa escola misteriosa que prepara meninas para o principal evento da região. A relação ambígua com Kristina e o ambiente intenso, com ares de culto, da instituição empurram Maria para um processo de autodescoberta – e de implosão.

FARUK, de **Asli Özge** (Turquia): Nas raias da autoficção, este painel de conflitos geracionais em Istambul parte de um exercício de observação, com ares fabulares, feito pela cineasta a partir do dia a dia de seu pai, um nonagenário que esbanja carisma. O dispositivo afetuoso armado por Asli garantiu ao longa a láurea da Crítica, votada pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci).